

emergência climática e desinformação: caminhos para uma comunicação ética e transformadora

climate emergency and disinformation: paths towards ethical and transformative communication

Vanessa Vantine

Jornalista e Educomunicadora

Mestranda ECA-USP

São José dos Campos, SP

Orcid: <https://orcid.org/0009-0007-0804-1324>

DOI: <https://doi.org/10.5281/zenodo.17503307>

Resumo: É cada vez mais frequente a necessidade de comunicar, alertar e informar as previsões e consequências da emergência climática. Enfrentar os problemas causados pelos eventos extremos é um dos maiores desafios contemporâneos e exige ações urgentes e integradas de diversos setores da sociedade. No entanto, o avanço de discursos negacionistas, a disseminação de *Fake News* e a desinformação nas mídias têm dificultado a compreensão e o engajamento sobre a gravidade da crise ambiental. Este artigo traz um recorte de informações obtidas por um levantamento de dados feito pelo projeto intitulado “*Como a Educomunicação pode ampliar e qualificar as práticas de Educação Ambiental Climática na Educação Básica no Brasil?*”, do Núcleo de Comunicação e Educação da Universidade de São Paulo. Também identificado como “Educom & Clima”, *e* analisa as respostas de mais de 200 instituições e movimentos sociais brasileiros relacionadas ao contexto da desinformação climática. A partir das respostas obtidas, discute o papel estratégico da comunicação na mediação desse cenário, destacando sua potência como ferramenta de transformação social. E analisa como práticas educomunicativas e projetos de educação socioambiental podem contribuir para o fortalecimento do pensamento crítico, a formação cidadã e a construção de uma cultura que busca agir coletivamente, mas com respeito à diversidade e à pluralidade de saberes, reconhecendo territórios, lutas e realidades distintas. O objetivo não é trazer uma resposta, mas sim caminhos possíveis, neste cenário complexo, para a promoção do bem viver em busca da justiça ambiental.

Palavras-chave: (1) Emergência climática; (2) Desinformação; (3) *Fake News*; (4) Educomunicação; (5) Educação socioambiental.

Abstract: The need to communicate, alert and inform about the predictions and consequences of the climate emergency is increasingly frequent. Confronting the problems caused by extreme events is one of the greatest contemporary challenges and requires urgent and integrated actions from various sectors of society. However, the rise of

denialist discourses, the dissemination of fake news and misinformation in the media have made it difficult to understand and engage with the severity of the environmental crisis. This article presents a selection of information obtained from a data survey carried out by the project of the Center for Communication and Education of the University of São Paulo, entitled "How can Educommunication expand and qualify the practices of Environmental Climate Education in Basic Education in Brazil?", also identified as "*Educom&Clima*" and analyzes the responses of more than 200 Brazilian institutions and social movements related to the context of climate misinformation. Based on the responses obtained, the article discusses the strategic role of communication in mediating this scenario, highlighting its power as a tool for social transformation. It also analyzes how educative communicative practices and socio-environmental education projects can contribute to strengthening critical thinking, civic education, and the construction of a culture that seeks to act collectively, but respects diversity and the plurality of knowledge, recognizing distinct territories, struggles, and realities. The objective is not to provide an answer, but rather possible paths, in this complex scenario, to promote good living in search of environmental justice.

Keywords: (1) Climate emergency; (2) Disinformation; (3) Fake news; (4) Educommunication; (5) Socio-environmental education.

Introdução

Ondas de calor, frio extremo, enchentes, tempestades e incêndios florestais são manchetes cada vez mais frequentes nos noticiários. Uma busca rápida na internet (sites, plataformas, redes sociais etc) nos canais de tv ou estações de rádio traz inúmeros casos. A emergência climática é notícia. E o que antes pareciam situações extremas, que ocorriam com intervalos de tempo maiores, agora são cada vez mais recorrentes nos meios de comunicação.

Nos primeiros seis meses de 2025 tivemos vários casos. Um pequeno recorte pode servir de reflexão para esse momento. Começamos o ano com ondas de calor no Brasil: “Verão de 2025 é o segundo mais quente da história”, destaca a CNN Brasil. “Ondas de calor se tornam mais frequentes e intensas no Brasil e escancaram desigualdades na adaptação ao clima extremo”, saiu no G1, portal da Globo. Tivemos casos graves de inundações pelo mundo: “Inundações relâmpagos, deixam 120 mortes no Texas, EUA”, destacou o Observatório do Clima. O Estadão trouxe um alerta sobre o que os incêndios em Los Angeles alertam sobre o clima no Brasil e no mundo. Na revista Veja a pauta foi: “Mega incêndio faz rastro de destruição em Los Angeles e deixa 30 mil fora de casa”. No verão europeu, em junho: “Onda de calor na Europa mata 2,3 mil em dez dias”, mais uma notícia publicada no portal G1 de notícia. Outras notícias como a publicada no G1, “Prejuízos das cidades com desastres climáticos ultrapassam os 700 bilhões de reais em 12 anos” e no jornal da USP, “Em meio a emergência climática, o que pode ser considerado progresso?”. São exemplos de matérias que viabilizam o problema, a partir de relatórios científicos e resultados de pesquisas, que diante do agravamento destes eventos extremos ganharam visibilidade e espaço na mídia.

Entretanto, mesmo ganhando mais exposição na mídia ainda estamos muito distantes de uma compreensão da gravidade do que enfrentamos. A emergência climática é um dos maiores desafios da atualidade. Há evidências científicas, e nem todos ainda estão convencidos de que a ação do homem vem acelerando muitos processos ambientais. O tema é complexo, ainda divide opiniões e quando é preciso agir não há consenso das melhores estratégias e planos de ação. Diversas variantes atrapalham, há muitos interesses envolvidos, questões políticas e econômicas e a dificuldade de comunicar esse cenário. Apesar do consenso científico acerca da gravidade da crise, informar e engajar ainda é um grande desafio. Há grandes obstáculos como a desinformação, o negacionismo e a Fake News ambiental, que distorcem evidências científicas e confundem a população. Surgem publicações que minimizam ou negam os impactos ambientais, como aquelas que afirmam que eventos extremos, como secas, enchentes e ondas de calor não têm relação com as mudanças climáticas, ou ainda notícias que sugerem que o aquecimento global seria apenas um ciclo natural do planeta. Essas

narrativas falsas não apenas atrasam a conscientização, mas também dificultam a formulação de políticas públicas efetivas diante da emergência climática. Por isso, é preciso criar espaços de diálogo, pelo fortalecimento de iniciativas educativas e pelo uso de diferentes linguagens e plataformas que aproximem a sociedade da urgência do problema. É preciso transformar práticas cotidianas, mobilizar em diferentes territórios e criar políticas públicas.

É com esse direcionamento que surge o projeto *Educom&Clima*, um projeto FAPESP que traz como questão central: *Como a educomunicação pode ampliar e qualificar as práticas de educação climática na Educação Básica no Brasil?* O projeto, associa-se ao esforço promovido pelo Núcleo de Comunicação e Educação da Universidade de São Paulo e é coordenado por dois docentes do PPGCOM da ECA-USP, respectivamente os professores doutores Ismar de Oliveira Soares e Thaís Brianezi, além de contar com outros pesquisadores da área com o intuito de realizar um levantamento de dados de ações educomunicativas em instituições brasileiras para o enfrentamento à emergência climática, além de propor a elaboração, aplicação e divulgação de uma política pública direcionada ao enfrentamento da crise climática. Uma força importante e potente para impulsionar, servir de base e compartilhar boas práticas que inspire o estabelecimento de uma corrente de (re)existência.

Negar - Aceitar - Enfrentar

Nos últimos anos, o enfrentamento à emergência climática é cada vez mais frequente, são secas prolongadas, queimadas e ondas de calor extremo que atingem todas as regiões do país, por exemplo, e evidenciam a urgência de soluções concretas. No entanto, esse cenário crítico é agravado pela desinformação e pelo negacionismo, que disseminam dúvidas sobre a gravidade do problema e desacreditam as evidências científicas. É nesse cenário que esse projeto se faz cada vez mais necessário em um momento que é preciso dar mais voz e espaço para ampliar a rede diversa que vem agindo de forma isolada, mas com propósito, em várias regiões do país. Essa potência é necessária para enfrentar uma das maiores dificuldades de comunicar a emergência climática: o negacionismo climático. Na visão de Bruno Latour trata-se de um fenômeno presente no pensamento contemporâneo, que se manifesta em uma camada da população que nega a realidade. Latour alerta para a necessidade de defender os fatos científicos em tempos de crises globais sem perder de vista que a ciência deve ser inclusiva, dialogada e conectada às realidades humanas e ecológicas.

Portanto, simplesmente negar as consequências do negacionismo pode comprometer o futuro das próximas gerações. Para combater o negacionismo e a desinformação é necessário continuar aterrando, mobilizando, encorajando e avançando com parcerias entre comunidade

científica e meios de comunicação comprometidos a disseminar informação que contribua para a reflexão da população sobre a emergência ambiental. Bruno Latour nos coloca a refletir sobre um *Novo Regime Climático*. Latour usa essa expressão para mostrar que a crise climática não é apenas um problema ambiental, mas um fato político, social, econômico e existencial que muda completamente a forma como vivemos no mundo. Ele reflete sobre a divisão entre os que reconhecem a necessidade de reorientação e aqueles que negam a urgência de mudanças, muitas vezes para proteger antigos privilégios. A escolha por "aterrar" implica em aceitar a interdependência entre os humanos e a Terra, em oposição à ilusão de que a globalização pode avançar sem limites e que os homens conseguem resolver todos os problemas.

Para resistir a essa perda de orientação comum, será preciso aterrarr em algum lugar. Daí a importância de saber como se orientar, e para isso traçar uma espécie de mapa das posições ditadas por essa nova paisagem na qual são redefinidos não apenas os afetos da vida pública, mas também as suas bases (LATOUR 2017: 11).

Todavia, na prática, ainda há muitas derrotas e lutas para que isso se aplique e seja realmente respeitado. Algumas respostas às vezes estão no resgate de boas vivências, de entender que a nossa cultura é híbrida, estamos no pluriverso, em uma comunidade ampliada e que é, sim, possível respeitar a Terra. Mas para isso precisamos abrir espaço para ouvir todas as vozes, garantindo o direito à comunicação. O *bem viver*¹ traz esse resgate de conhecimento, um olhar para os antepassados para adaptarmos as conquistas atuais e termos um presente em harmonia entre seres humanos, a natureza e a comunidade, baseado na reciprocidade.

Disso podemos concluir que tampouco existe uma visão única de Bem Viver. O Bem Viver não sintetiza uma proposta monocultural: é um conceito plural – bons conviveres, como já anotamos – que surge das comunidades indígenas, sem negar as vantagens tecnológicas do mundo moderno nem as contribuições de outras culturas e saberes que questionam distintos pressupostos da Modernidade (ACOSTA 2016: 87).

¹ O "Bem Viver" é um conceito que emerge, principalmente, das culturas indígenas da América Latina, como os povos Quechua e Aymara. É amplamente discutido como uma alternativa ao modelo de desenvolvimento ocidental baseado no crescimento econômico e na exploração da natureza. O Bem Viver é um convite a repensar as relações humanas com o planeta e entre si, promovendo uma vida mais equilibrada, justa e sustentável. Ele se apresenta como uma alternativa ao modelo ocidental de progresso e desenvolvimento, resgatando saberes ancestrais para enfrentar os desafios contemporâneos. O conceito foi incorporado nas constituições do Equador (2008) e da Bolívia (2009) como um princípio orientador para o desenvolvimento e as políticas públicas.

A partir das experiências que consolidam melhores convivências, relações não exploratórias e equilíbrio entre as partes surgem boas práticas que promovem a aprendizagem individual e coletiva, que favorecem a participação e fortalecimento da democracia por meio do exercício da comunicação (BRIANEZI 2018). Com foco no enfrentar, visando promover uma participação ativa, com inclusão, qualidade, interatividades, muita experimentação, diferentes vozes, diversidade, criatividade, leitura crítica, diálogo, produção e construção colaborativa, há a Educomunicação², um paradigma que surge na interface entre comunicação e educação.

O conjunto de processos que promovam a formação de cidadãos participativos política e socialmente, que interagem na sociedade da informação na condição de emissor e não apenas consumidores de mensagens, garantindo assim o seu direito à comunicação. Os processos educomunicativos promovem espaços dialógicos horizontais e desconstrutores das relações de poder e garantem acesso à produção de comunicação autêntica e de qualidade nos âmbitos local e global. Sendo assim, a educomunicação contempla necessariamente a perspectiva crítica em relação a comunicação de massa, seus processos e mediações (SOARES 2011: 38).

É nesse campo fértil da interseção entre educação, comunicação e meio ambiente que o projeto *Educom&Clima* se propôs a mapear instituições que adotam a Educomunicação como base das ações ambientais. Para esse levantamento, foi aplicado um formulário com dezenove questões. Este artigo apresenta um recorte centrado nas respostas que abordam a identificação e o enfrentamento da desinformação e *Fake News* ambientais. Tem como intuito ampliar o debate sobre a urgência de fortalecer a comunicação voltada à emergência climática, destacando práticas, desafios e estratégias adotadas por diferentes atores sociais comprometidos na causa.

Análise em dados: desinformação e *Fake News* ambientais

O formulário para levantamento das instituições começou a ser divulgado em outubro de 2024. E permanecerá aberto para receber respostas até fevereiro de 2026, término do projeto: “Como a Educomunicação pode ampliar e qualificar as práticas de Educação

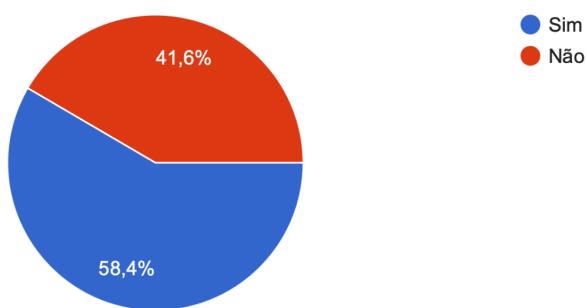
² A Educomunicação é entendida pela ABPEducom como um paradigma orientador de práticas sócio-educativas-comunicacionais que tem como meta a criação e fortalecimento de ecossistemas comunicativos abertos e democráticos nos espaços educativos, mediante a gestão compartilhada e solidária dos recursos da comunicação, suas linguagens e tecnologias, levando ao fortalecimento do protagonismo dos sujeitos sociais e ao consequente exercício prático do direito universal à expressão (ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PESQUISADORES E PROFISSIONAIS EM EDUCOMUNICAÇÃO – ABPEducom).

Ambiental Climática na Educação Básica no Brasil?". Para a presente pesquisa, estabelecemos como recorte a análise dos dados dos primeiros seis meses de circulação do formulário da pesquisa, que corresponde de outubro de 2024 a abril de 2025. Neste período, foram obtidas 212 respostas de instituições de todo o país.

Ao todo o formulário possui 19 perguntas. As questões relacionadas a desinformação e Fake News são 11, 12, 13 e 15. As perguntas 11 e a 13 são fechadas, apresentando como opção "sim" e "não", tem como objetivo identificar o recebimento de notícias falsas e informar se as instituições e organizações trabalhavam essas temáticas nos projetos:

Gráfico 1 - Você já recebeu alguma notícia falsa ou fora de contexto sobre a emergência climática?

11. Você já recebeu alguma notícia falsa ou fora de contexto sobre as emergências climáticas?
202 respostas



Fonte: Questionário do Projeto Educom&Clima.

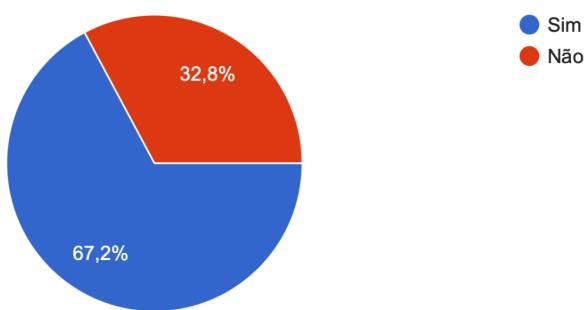
Na pergunta 11: *Você já recebeu alguma notícia falsa ou fora de contexto sobre a emergência climática?* tivemos 10 respostas a menos do total de participantes. Como já era esperado, a Fake News se espalha rápido e não poderia ser diferente dentro do contexto da emergência climática. Mais da metade (59,2%) das instituições e coletivos que participaram do levantamento já receberam pelo menos uma notícia falsa. Dado que fortalece a importância do trabalho que vem sendo desenvolvido nesses territórios para o protagonismo na checagem de notícias, no compartilhamento consciente de conteúdos e na produção séria e qualificada de projetos nessa temática.

O **Gráfico 2** já traz como informação complementar, que as questões da desinformação, da fake news e da falta de entendimento de notícias e conceitos relacionados à emergência climática já estão incorporadas em muitos projetos das instituições e coletivos. 66,18% das instituições entrevistadas responderam que já incluem essas abordagens. Do total de participantes, somente 11 não responderam.

Gráfico 2 - Os projetos da sua organização ou coletivo abordam a desinformação, fake news e a falta de entendimento de conceitos e de notícias sobre emergência climática

13. Os projetos da sua organização ou coletivo abordam a desinformação, fake news e a falta de entendimento de conceitos e de notícias sobre emergências climáticas?

201 respostas



Fonte: Questionário do Projeto *Educom&Clima*.

As demais questões, 12 e 15, eram perguntas abertas e tinham como objetivo trazer exemplos práticos das questões colocadas acima. No caso da 12, foi solicitado, que se possível, os entrevistados compartilhassem exemplos de notícias falsas ou fora de contexto sobre emergência climática.

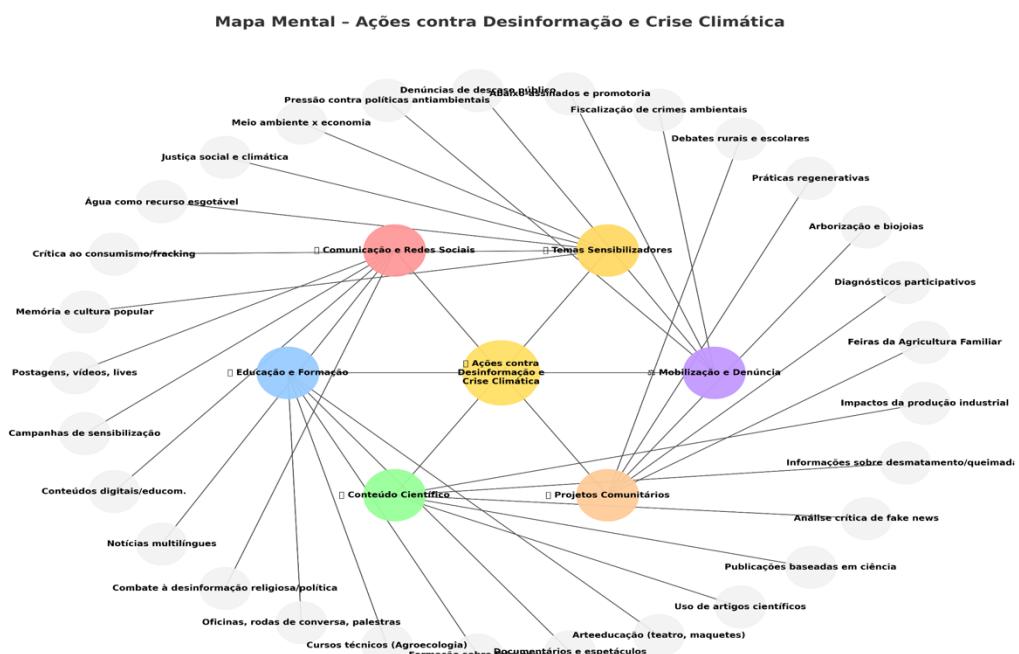
Ao todo foram recebidas 104 respostas. Alguns exemplos de notícias falsas recebidas, foram:

- *Eventos extremos não tem relação com mudanças climáticas;*
- *ONGs colocam fogo no Brasil para pegar dinheiro de financiamentos internacionais;*
- *Queimadas em Rondônia são oriundas de país vizinho;*
- *Seca do rio Madeira é algo passageiro e normal e sem relação com ação humana;*
- *Não existe aquecimento global, as ações climáticas que ocorrem hoje foram criadas por pessoas com interesses nisso;*
- *O planeta sempre se recupera, não existe aquecimento global;*
- *É mentira a desertificação no cerrado;*
- *Imagens de tragédias ambientais antigas sendo usadas como atuais;*
- *A terra é plana;*
- *Mudança climática é cíclica e passaremos por mais essa;*
- *Os indígenas estão colocando fogo na Amazônia;*
- *Biocombustível é 100% renovável;*
- *CO2 não causa mudança no clima;*

- O derretimento da calota polar pelo aquecimento global não fará diferença no mar pois é a mesma quantidade de água em outra forma/ estado;
- A culpa das inundações é da abertura de comportas das barragens;
- Uma das soluções para diminuição das inundações é desviar o curso do rio e explodir as rochas (formação geológica natural) que estão dentro do rio;
- Não existe crise climática, isso é coisa de ambientalista

E a questão 15 solicitava exemplos de projetos realizados pelas instituições e organizações com intuito de combater a desinformação e as Fake News. Ao todo foram obtidas 119 respostas. Como resposta às propostas apresentadas foram: roda de conversa, debates, sessão de vídeos educativos, palestras sobre o impacto das fake news ambientais, exibição de curta metragem sobre o tema, oficinas sobre a responsabilidade de compartilhar notícias sem antes verificar a veracidade, ciclos de formação sobre racismo ambiental e justiça climática, realização de entrevistas com especialistas para tirar dúvidas da comunidade, pesquisa ativa de dados científicos para combater as notícias falsas, elaboração de peças de teatros, vídeos e textos para promover uma reflexão crítica sobre temas mais polêmicos, produção de conteúdo científico nas redes sociais. O mapa mental a seguir foi gerado por IA com as informações obtidas no formulário e ajuda a entender melhor o fluxo dessa resposta.

Gráfico 03 - Mapa mental das respostas obtidas na questão 15 do formulário, gerado por IA



Fonte: Pesquisa Educom&Clima.

Os resultados evidenciam a ampla divulgação de desinformação relacionada à emergência climática, que vai desde negações diretas do aquecimento global até narrativas conspiratórias que atrelam a responsabilidade de fenômenos extremos a atores específicos (ONGs, indígenas ou outros países). Esse conjunto de respostas demonstra não apenas a diversidade de discursos negacionistas, mas também a capacidade de compartilhamento, o que compromete e fragiliza a compreensão social sobre a emergência climática.

Por outro lado, a análise das iniciativas apresentadas pelas instituições revela um esforço consistente em construir estratégias educativas e comunicacionais para enfrentar esse problema. As propostas, que incluem rodas de conversa, oficinas, produções culturais, palestras e divulgação científica em redes sociais, apontam para a centralidade da comunicação crítica e participativa como ferramenta de combate à desinformação. Observa-se ainda que, a educomunicação se faz presente em muitas dessas propostas, principalmente, ao possibilitar espaço para trocas, produções autorais, questionamentos, que criam um espaço de diálogo democrático, horizontal, com respeito a diversidade e a necessidade de considerar os múltiplos territórios e as situações e problemas de cada local com relação às situações ambientais.

Assim, pode-se concluir que, embora a desinformação climática esteja fortemente presente e tenha múltiplas formas, existe também uma mobilização significativa de organizações e coletivos em direção à promoção de práticas comunicativas capazes de sensibilizar, engajar e formar cidadãos mais capacitados para identificar e questionar notícias falsas. O desafio, portanto, está em ampliar o alcance e a efetividade dessas ações, de modo a fortalecer o diálogo social e construir narrativas baseadas em evidências científicas, imprescindíveis para o enfrentamento da emergência climática.

Considerações finais

Diante da urgência de comunicar a emergência climática, a educação ambiental, orientada pela perspectiva da justiça climática, é fundamental para formar uma sociedade mais justa. Por meio do combate à desinformação e as notícias falsas envolvendo as questões ambientais, ações necessárias para trazer mais compreensão e informação sobre o real problema enfrentado pela sociedade contemporânea. Neste contexto, é preciso reforçar que comunicar não pertence a pequenos grupos, e portanto, não pode estar concentrada dessa forma. Ao contrário, trata-se de um direito humano fundamental.

Entendendo o quão complicado é explorar essa temática e percebendo a emergência de agir e comunicar, que tal simplificar? A pesquisadora Heloisa Fischer vem reforçando a necessidade de aplicar o

conceito da *linguagem simples*³ para tornar as informações acessíveis, claras e úteis, promovendo melhor compreensão e engajamento. Ao trazer clareza sobre o assunto, é mais fácil promover espaços coletivos de saberes para desta forma, fortalecer a rede de agentes em prol de um mundo mais consciente, empático, unido e respeitoso.

Precisamos estar abertos para quem sabe praticar a *Diplomacia Arriscada*⁴ de Latour, que traz o reconhecimento do ponto de vista do outro, mesmo que esse outro seja diferente, e inclua além de outras culturas humanas, a natureza, a Terra. É preciso repensar nossa existência em um mundo compartilhado, reconhecendo os múltiplos agentes envolvidos e a complexidade das crises globais. Essa diplomacia é arriscada porque desafia as formas tradicionais de poder e conhecimento, exigindo abertura, criatividade e coragem.

E se precisamos nos reinventar e re(existir), a educomunicação, ao ser a interface entre comunicação e educação, potencializa o engajamento crítico e a ação transformadora. Ao adotar essa abordagem temos pessoas com maior resiliência e criatividade, capazes de mobilizar comunidades para enfrentar os desafios com equidade e reciprocidade. Portanto, não podemos parar, muito menos desistir.

Referências

ABPEducom. Disponível em: <https://abpeducom.org.br/educom/conceito/>
Acesso em: 14/09/2025

ACOSTA, A. (2016). *O bem viver: uma oportunidade para imaginar outros mundos*. São Paulo, Editora Elefante.

BRIANEZI, Thaís (2018). *Zona Franca de Manaus: ame-a ou deixe-a em nome da floresta*. Manaus, Editora Valer.

³ Uma comunicação em linguagem clara é visualmente convidativa e fácil de ler porque foi escrita com essa meta. Costuma ter o tom de uma conversa amigável e respeitosa. Reconhece o direito que toda a pessoa tem de entender textos relevantes para o seu cotidiano. Sua intenção primordial é esclarecer (FISCHER 2018: 14).

⁴ A *Diplomacia Arriscada* é um conceito do filósofo e sociólogo francês Bruno Latour que traz uma abordagem diferente para pensar as relações entre seres humanos, não humanos, ciência, política e o meio ambiente. Para Latour, a diplomacia não é apenas algo que ocorre entre nações, mas uma prática necessária para mediar entre diferentes “mundos” ou formas de existência. Isso inclui não apenas seres humanos, mas também não humanos, como animais, plantas, rios, montanhas e até entidades tecnológicas. A diplomacia, nesse contexto, é uma tentativa de encontrar formas de convivência e entendimento entre modos de existência frequentemente conflitantes.

BRIANEZI, T.S. & VIANA, C.E. (2023). “Educomunicação, bem-viver e justiça climática: sinergias potencializadoras de outros mundos possíveis (e necessários)”. In: SILVA, D.K.M. & LAGO, C. (Orgs.). *Educomunicação e outras epistemologias*. 1ed. São Paulo, Editora Paulus, v. 1: 135-153.

FISCHER, H. (2018). *Clareza em textos de e-gov, uma questão de cidadania*. Rio de Janeiro, Com Clareza.

FONSECA, D.F. da (2016). “Etnicidade de hutus e tutsis no Manifesto Hutu de 1957”, *Cadernos de História*, Belo Horizonte, v. 17, n. 26, 1º sem.

HAN, B. (2018). *No enxame: perspectivas do digital*. Petrópolis, RJ, Vozes.

LATOUR, B. (2004) *Políticas da natureza — como fazer ciência na democracia*. São Paulo, Edusc.

_____. (2020). *Diante de Gaia: Oito Conferências sobre a Natureza no Antropoceno*. São Paulo; Rio de Janeiro, Ubu Editora; Ateliê de Humanidades Editorial.

_____. (2020). *Onde aterrar? Como se orientar politicamente no Antropoceno*. Rio de Janeiro, Bazar do Tempo.

SOARES, Ismar de Oliveira (2011). *Educomunicação: o conceito, o profissional, a aplicação*. São Paulo, Editora Paulinas.

_____. (2012). “Meio Ambiente: Gestão Pública e Educomunicação”, *Comunicação & Educação*, v. 17: 133-137.

_____. (2014). “Educomunicação e Educação Midiática: vertentes históricas de aproximação entre comunicação e educação”, *Comunicação & Educação*, v. 19: 15-26.

Sobre a autora

Vanessa Vantine possui graduação em Comunicação Social - Rádio e TV pela Fundação Armando Álvares Penteado (2003) e graduação em Jornalismo pela Universidade do Vale do Paraíba (2006). Atualmente é mestrandona PPGCOM da ECA-USP. Tem pós-graduação em Gestão da Comunicação pela ECA-USP e pós-graduação em A Moderna Educação pela PUC-RS. É integrante da ABPEducom, Associação dos Pesquisadores e Profissionais em Educomunicação. Atualmente é jornalista e educadora na Escola Moppe em São José dos Campos, interior de São Paulo, onde coordena um projeto educativo com alunos dos anos finais do ensino fundamental.

Também é professora universitária na UNIVAP, Universidade do Vale do Paraíba e coordenadora dos cursos de Rádio e TV e Produção Audiovisual. Além disso, é coordenadora do projeto TV Univap, um canal universitário da instituição. Na trajetória de mercado tem 18 anos de experiência como repórter na Rede Vanguarda - afiliada da Rede Globo no Vale do Paraíba. Participou da cobertura de grandes eventos para jornais locais e de rede. Trabalhou principalmente no jornalismo diário, tendo feito reportagens de diferentes setores, como educação, economia, política local, esporte, comportamento e saúde. Também possui experiência em produção e edição de programas e jornais para TV e na apresentação e gravação de podcast para streaming e rádios.